

# SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA EM BERLIM

Duílio BATTISTONI FILHO

Em 1961 participei, como estudante de História, do Primeiro Congresso dessa disciplina, na Faculdade de Filosofia de Marília, SP. Foi aí que tive um primeiro contato com o professor Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) que também participava do evento. Corpulento, de voz grossa, mas muito eloqüente, chamou-nos a atenção a sua grande erudição e profundos conhecimentos históricos exarados na mesa-redonda da qual participava. Estudante inexperiente, entabulei uma conversa com ele. Imediatamente me cativou com suas sábias palavras, falando de seus livros, suas viagens e de sua experiência no magistério. Lembro-me bem de seus conselhos a respeito da humanização da História e a necessidade de se incrementar a história regional, ponto de partida para a macro-história.

Entretanto, meu objetivo nestas notas é prestar uma homenagem ao autor de **Caminhos e Fronteiras**, no centenário de seu nascimento. Muito se tem falado da obra desse eminente historiador pelos diversos críticos. O importante é que o cotidiano é a base sobre a qual ele reconstrói o passado histórico ao deslindar as práticas diversas de existência reconhecendo nelas a constante interação tensional meio-cultura-sociedade, construindo dessa forma, as totalidades significativas de cada época. Vou analisar de uma forma bem sucinta, um dos momentos de sua vida cultural, ou seja, aquele relacionado à sua estada na Alemanha, mais precisamente em Berlim, quando ali permaneceu durante um ano e meio, isto é, de junho de 1929 a dezembro de 1930. Foi incumbido, na época, por Assis Chateaubriand de fazer uma reportagem para **O Jornal** do Rio de Janeiro sobre a situação de três países: Alemanha, Polônia e Rússia. Temendo o rigoroso inverno russo deixou de fazer reportagens nesse país.

Das inúmeras reportagens enviadas por Sérgio, destacamos inicialmente, a situação interna da Alemanha, agravada pela crise capitalista e concretizada pelo declínio da produção agrícola e industrial, pelo desemprego que se seguiu e por um número incalculável de falências. Essa situação, por sua vez, foi responsável pelo agravamento dos conflitos sociais e pela ascensão dos partidos extremistas. Os choques mais constantes ocorreram entre os comunistas e os grupos paramilitares de direita, entre os quais destacavam-se os nazistas. O acirramento das lutas políticas ligava-se ao fato de que nenhum partido conseguia eleger, até aquele instante, uma maioria estável que lhe permitisse governar sem coalizão. O marechal Hindenburg, a partir de 1930, governava praticamente por decretos, sem ouvir o Parlamento, o que identificava que o sistema liberal e parlamentar já desaparecera por completo, antes mesmo da chegada de Hitler ao poder.

Sérgio analisava os diversos comentários dos jornais alemães a respeito da instabilidade da política brasileira, da superprodução de café com a política de valorização desse produto, acentuando o **Wesser Zeitung**, a péssima qualidade dessa rubiácea, perdendo em qualidade para os produtores do Caribe. O Brasil continuava a ser o alvo constante do mau humor de certos jornais como o **Kasseler Tageblatt**, que publicava uma correspondência sobre Lampião intitulada **O Ali-Babá do Nordeste Brasileiro**. Mas não são apenas os cangaceiros que interessam a imprensa alemã e sim uma curiosa epidemia propagada por papagaios brasileiros. Várias pessoas possuídas de papagaios recém-importados do Brasil tinham sido vitimadas, seguidamente, por uma doença semelhante à gripe, com sérias complicações pulmonares, quase sempre fatal.

Em Berlim residia na zona mais agradável da cidade, numa esquina da Uhlandstrasse com Kurfürstendamm, perto do Consulado do Brasil. Nessa cidade, inicialmente, estabeleceu amizade com muitos brasileiros ali residentes como Astrogildo Pereira, grande teórico do socialismo no Brasil e com o crítico de arte, Mário Pedrosa.

Sérgio mantinha uma intensa atividade cultural na metrópole alemã. Trabalhava numa revista bilíngüe teuto-brasileira chamada **Duco** sobre relações entre Brasil e Alemanha. Influenciado pela historiografia germânica, empolgou-se principalmente com a obra de Leopold Ranke. Mais tarde escreveria uma famosa antologia de textos do célebre historiador

a pedido de Florestan Fernandes para a editora Ática. Assistiu, de uma forma esporádica, a conferências de Friederick Meineke sobre a moderna historiografia alemã. Além do mais leu Sombart, Alfred e Max Weber; familiarizou-se com os historiadores de arte, mergulhou na obra de Rilke e de outros intelectuais do momento. O escritor alemão que conheceu melhor, a ponto de estabelecer uma sólida amizade foi Theodor Däubler, muito ligado ao Expressionismo tão em voga. Acentuou a grande influência sobre a nova geração do poeta Hölderlin. Contudo, o autor que mais o instigou foi Max Weber grandemente divulgado no Brasil graças à sua pena, ao rigor metodológico e eficiente racionalidade.

Das inúmeras entrevistas feitas pelo autor de **Monções**, destaca-se aquela feita com o escritor Thomas Mann, realizada no hotel Adlon. Vinha precedido de grande fama pois acabara de ser laureado com o Prêmio Nobel de Literatura. O alemão recebeu cordialmente o jornalista brasileiro e disse ao recebê-lo:

- **O Brasil faz-me evocar, na verdade, alguns instantes deliciosos de minha infância e de minha mocidade. Recordo-me de que minha mãe, que era brasileira, e que nasceu em uma fazenda de café ou açúcar, não me recordo bem, entretinha-me freqüentemente sobre a beleza da Baía de Guanabara...** Durante os poucos momentos da conversação, Sérgio pôde observar o grande interesse do autor de **Morte em Veneza** pelo Brasil.. A certa altura, diz Thomas **Li apaixonadamente os clássicos alemães, os escritores franceses e russos e, especialmente, os ingleses, mas estou certo de que a influência mais decisiva sobre minha obra resulta do sangue brasileiro que herdei de minha mãe. A curiosidade pelo Brasil e pelos assuntos brasileiros fará com que um dia próximo visite o vosso país, onde desejo reviver as impressões de infância de minha mãe.** Depois foram tratados diversos assuntos de circunscrição. Contudo, pouco falou de sua obra, de suas idéias. Tinha palavras muito mais inquisitivas do que dogmáticas. Estava pouco convencido de suas opiniões. Num dado momento, Sérgio comentou que havia algo de brasileiro no seu tipo físico. Entretanto, o escritor não gostou e sua esposa disse que era o cunhado Heinrich que tinha um ar de brasileiro. Com relação a este último, o seu romance **Anjo Azul** deu ensejo a um célebre filme do mesmo nome e que consagrou Marlene Dietrich. Dirigido por Von Sternberg, os diálogos foram traduzidos, por Sérgio. Outra entrevista muito comentada

foi com o comandante do Graf Zepellin, Hugo Eckener, que acabara de voltar de uma viagem pelo mundo e que tinha estado no Brasil, encantando-se com a hospitalidade do povo brasileiro. Célebre foi sua polêmica com o aviador português Gago Coutinho, quando este acentuava a superioridade dos aviões sobre os dirigíveis.

Em 15 de setembro de 1930, pôde testemunhar a ascensão do partido nazista, quando 107 cadeiras foram conquistadas por seus correligionários, num total de 573 do Parlamento. Dessa época, Sérgio guarda recordações da vida boêmia da Berlim daqueles derradeiros dias da República de Weimar, onde os cafés fervilhavam, principalmente o Illibrich, e cuja orquestra americanizada, regada a saxofone, tocava as grandes músicas do jazz, além de tangos argentinos. E no meio disso tudo, imaginou um livro de interpretação do Brasil. Com apenas vinte e oito anos, começa a germinar **Raízes do Brasil**, do qual se pode dizer que nasceu em berço alemão. De volta ao Brasil desenvolve idéias, reúne material e, finalmente, o livro é editado em 1936. Teve ampla divulgação, pois era o único **retrato do Brasil**, de forte tendência democrático-popular, num momento em que predominava entre os intelectuais uma concepção de progresso liderado pelas elites abertas e esclarecidas. Talvez o fundamental no livro seja a passagem do rural ao urbano, isto é, ao predomínio da cultura das cidades, que teve como consequência a passagem da tradição ibérica ao novo tipo de vida, pois aquela dependia inicialmente das instituições agrárias. Verdadeira gema da historiografia brasileira, até hoje, o livro é referência básica para se compreender o Brasil.

Enfim, podemos dizer, que a cultura alemã foi muito valorizada no país, graças ao pensamento de Sérgio Buarque de Holanda.